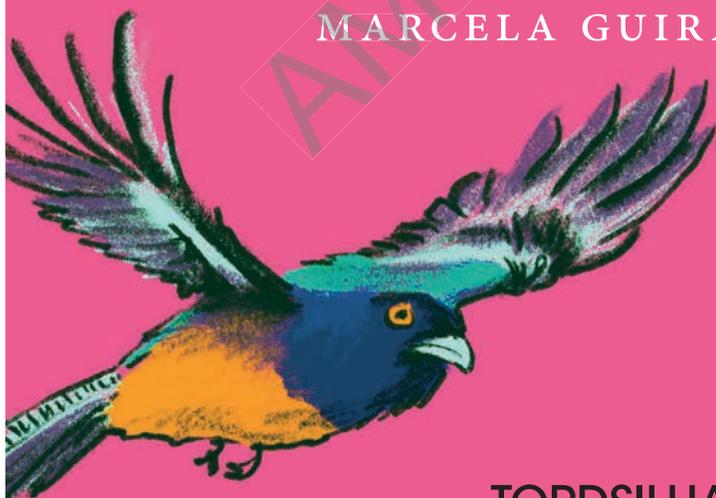


Ao meio-dia choviam pássaros

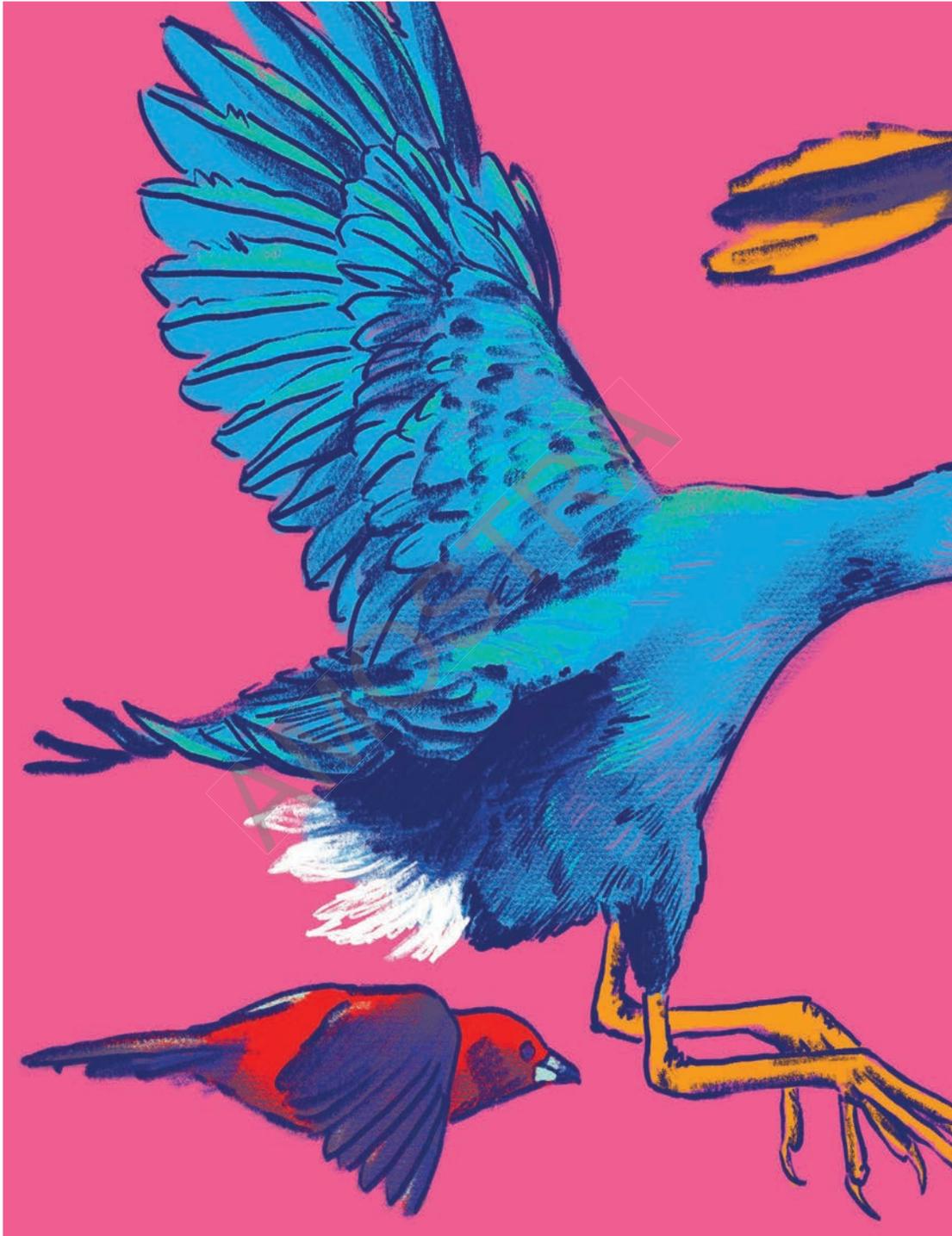
MARCELA GUIRAL



TORDSILHAS

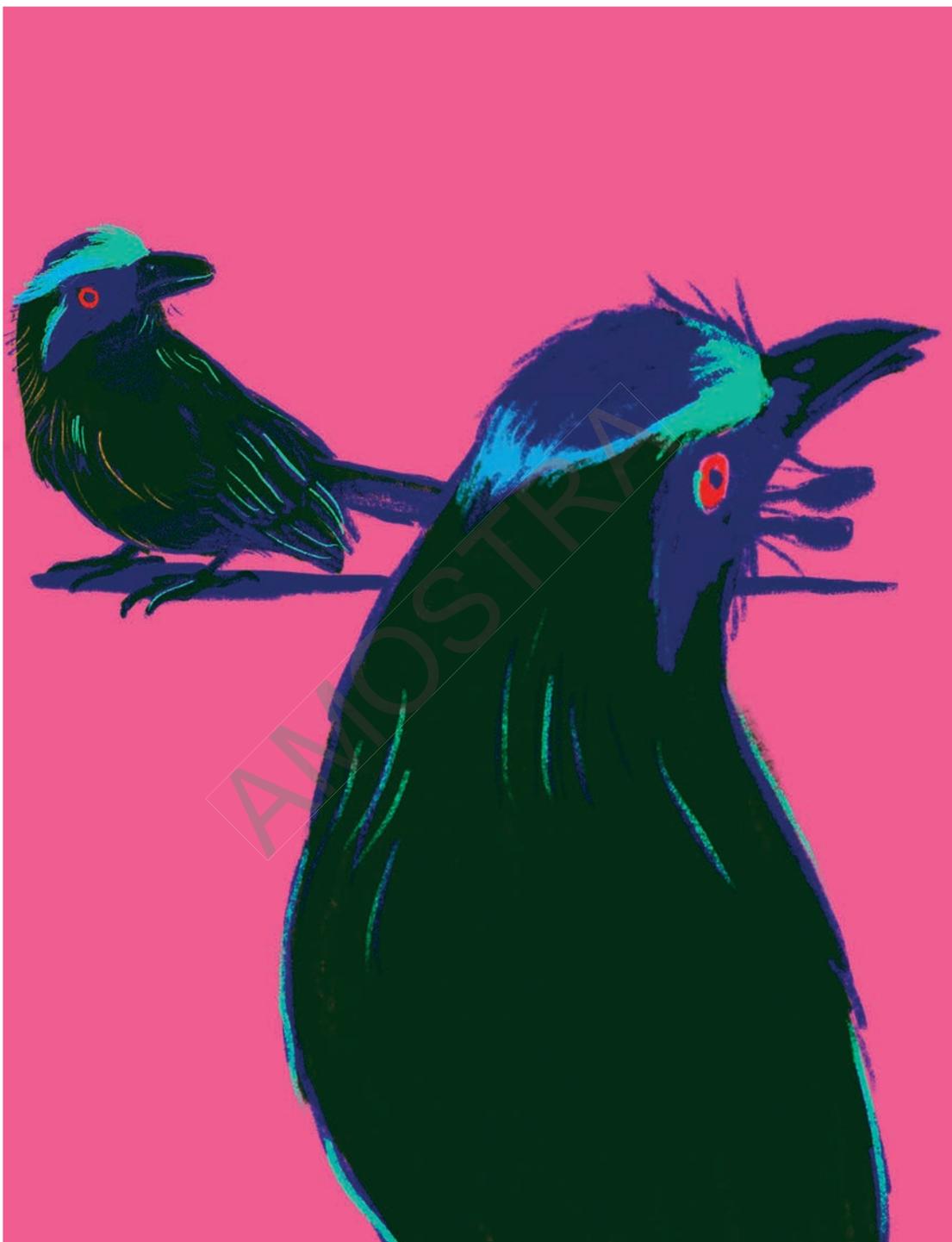


ILUSTRAÇÕES DE
ALEJANDRA ESTRADA





AMOSS



*Para minha prima Heidy Tatiana
Restrepo Guiral, Eliécer Hincapié e
seus avós.*

*A eles, que agora voam com asas
novas. Pelo menos, nesta história,
seus finais são diferentes.*

*E a todas as crianças recrutadas
contra sua vontade por algum
exército.*





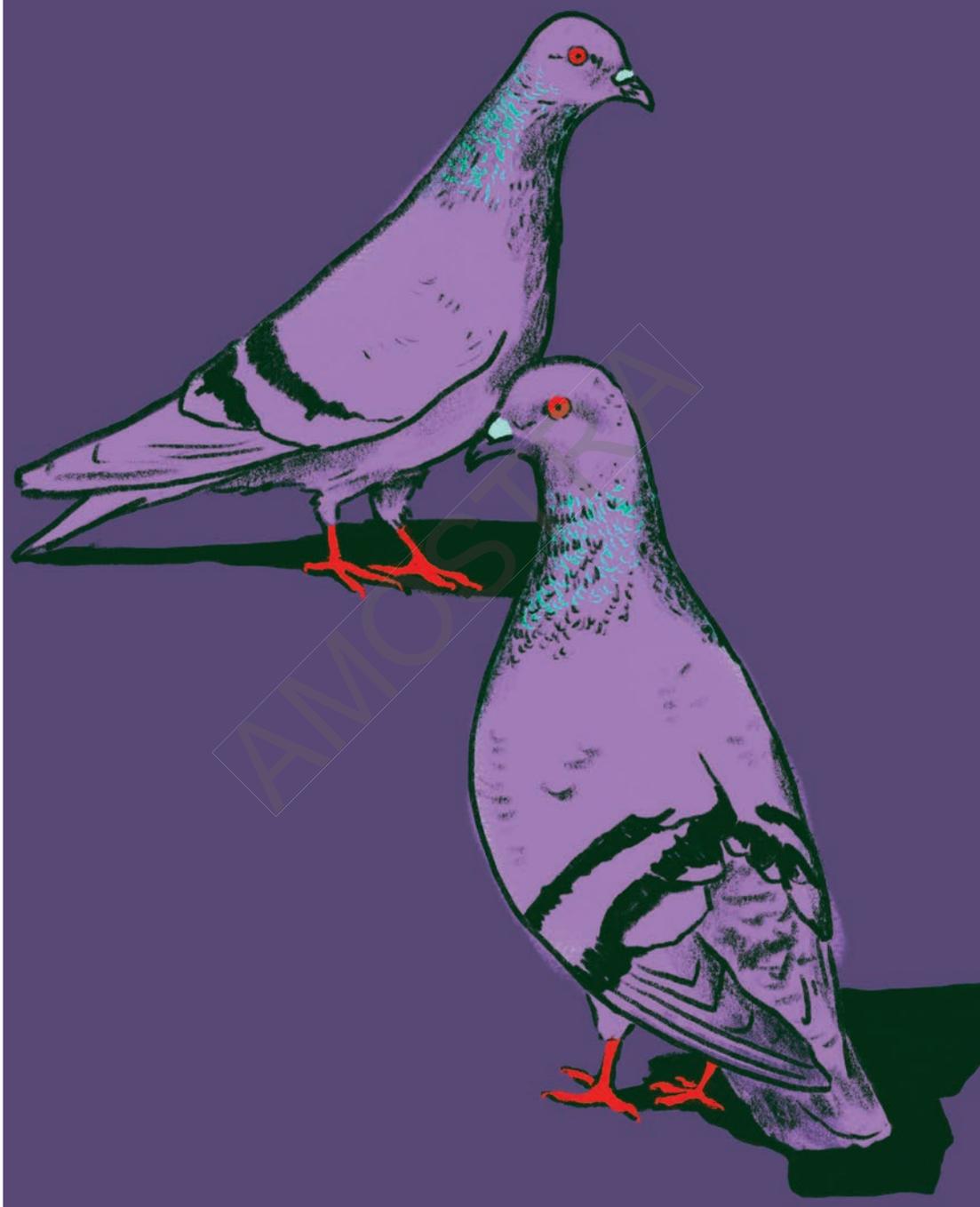
Primeira parte

[Um povoado de pássaros, uma galinha que lê o futuro, a mulher das gaiolas e um tio tonto]

*A antena que transmite
as notícias da guerra
está repleta de pássaros.*

GUSTAVO ADOLFO GARCÉS





1 Pomba mensageira

Os olhos das pombas são da cor da cenoura. Seu bico é preto e as patas são vermelhas ou roxas, parecidas com as uvas, as uvas roxas, quero dizer. Suas penas são de um cinza azulado, mais escuro na cabeça e no rabo e mais pálido perto das asas. Em seu pescoço e acima do peito, é possível ver um verde ou um roxo metálicos que mudam de acordo com a luz em que são observadas. As pombas buscam alimento quase sempre caminhando sobre o solo, olhando primeiro com um olho e logo com o outro. Às vezes sobem de forma desajeitada nas árvores ou nos arbustos em busca de frutos pequenos. Elas gostam de comer milho, minhocas ou insetos. Fazem *ruu, ruu!* o tempo todo.

F NUNCA HAVIA VISTO TANTAS AVES JUNTAS. Já as havia visto comer goiabas no parque onde jogava futebol com seu pai, mas depois, quando as árvores não estavam mais de pé e pareciam gigantes carbonizadas caídas no solo, a visita dos pássaros começou a diminuir, e pararam de voar pela cidade de Gansanares. As aves não voltaram ao parque, tampouco F e seu pai.

Da janela de sua casa, só via edifícios cinza, igrejas e parques destruídos pelos bombardeios, esperando que alguém os reconstruísse. Mas ninguém faria isso enquanto houvesse a guerra. Os únicos animais com asas que voavam pela cidade eram as moscas. Havia tantas, que batiam contra as janelas e tropeçavam nos olhos das pessoas. Então essas pessoas passavam uma cola caseira nos vidros, e milhares de moscas ficavam presas nas janelas fazendo *bzz*, *bzzz*, *bzzzzz*. F as observava detidamente. Primeiro, elas faziam *bzzz* com força, com seus pulmõezinhos, mas ele não sabia se as moscas tinham pulmão; em seguida, faziam menos *bzzz*, como se suas forças estivessem se esgotando. Tentavam soltar suas asas do vidro, e algumas conseguiam. Muitas vezes, ele as ajudava a fugir usando uma colher ou um pente de sua mãe. O ruim era que, na maioria das vezes, o corpo se separava das asas e o *bzzz* saía mais fraco, e então elas adormeciam. Ou será que morriam? Decidiu não voltar a ajudá-las, vai que as moscas... Mas houve um tempo em que não havia mais vidros, pois as explosões os

transformaram em cacos, então as moscas entravam na casa das pessoas e viviam com elas. Pouco tempo depois, as moscas as abandonaram. Voavam à vontade pela cidade, que estava cheia de lixo.

E de mortos.

Viu muitas aves juntas quando foi viver em Barbascal com o avô Enrique e seu irmão Eduardo. Seus pais queriam afastá-lo da guerra que açoitava a cidade. Fazia um tempo que os soldados dos exércitos Pantaneiros e Guaxinins se enfrentavam pelas terras, e Gansanares era o epicentro das batalhas.

Os pais de F haviam pensado que Barbascal era uma boa opção: era um povoado distante e pouco habitado; não havia muitas pessoas capazes de viver com o barulho e a pestilência de um povoado de pássaros. Parecia um local seguro, e queriam que F fosse para a escola; as aulas sempre suspensas pelos enfrentamentos e bombardeios não haviam permitido que completasse a primeira série.

As primeiras aves que viu foram umas pombas mensageiras, mas não voavam, estavam em gaiolas. No dia em que seu pai o levou até o Trem Amarelo que ia para Barbascal, encontraram-se com o Sr. Ramiro. Era cego como uma toupeira e baixinho como uma toupeira também, e enviava naquele mesmo trem onze pombas para o avô.

— E por que o avô quer tantas pombas? — perguntou F a seu pai.

— Você vai gostar — sorriu. — O avô é carteiro, e estas pombas trabalharão para ele.

Trabalhar? As pombas? O menino as imaginou de terno e gravata, com óculos, sentadas em seus escritórios e muito sérias; bebericando café preto, com um cigarro no bico, atendendo o telefone e anotando coisas em uma caderneta:

— *Ruuu?*

— *Ruuu, ru ruru.*

O pai lhe contou que seu avô e seu tio Eduardo, juntamente com o Sr. Ramiro, que vivia nos arredores de Gansanares, tinham um negócio de pombos-correio. Assim, o serviço de mensagens ia sempre em dois sentidos: para o pombal do avô e para o pombal do Sr. Ramiro.

BARBASCAL ERA UM POVOADO DIFÍCIL DE ESQUECER. Estava encravado nos pés de duas montanhas altas. Em um de seus extremos, ficava o Bosque Azul, e no outro, mais alto, o Bosque de Juancojo. As casas, com cores chamativas, se amontoavam em direção ao centro e iam ficando cada vez mais espaçadas, até se confundirem com as chácaras nos arredores. Em seu entorno, plantações pequenas e irregulares

assemelhavam-se, desde a altura, a retalhos de tecido verde unidos por costuras de pedra.

O avô o esperava, sentado em um banco da estação. Assim que viu o menino, levantou-se, pegou sua mala e pediu a um homem que tinha uma carroça puxada por cavalos que levasse as pombas até sua casa enquanto eles percorriam o povoado. Lá da estação, viram que uma senhora cingia seus cabelos com um chapéu, abria um guarda-chuva e atravessava a rua correndo; então o ancião olhou seu relógio, também abriu um guarda-chuva e ofereceu outro a F; um pequeno, verde, da cor das ervilhas.

— Este é para você — disse ao menino, quase gritando: — Bem-vindo a Barbascal!

— Chove muito? — perguntou F incrédulo.

— Algo assim — olhou outra vez para o relógio. — A partir do meio-dia.

Nesse momento, começaram a ouvir um barulho tão forte, que se confundia com o ruído dos trilhos do trem, que estava partindo. Grupos de pássaros estavam vindo à cidade. As pessoas que estavam na rua saíram correndo enquanto abriam as sombrinhas ou vestiam chapéus com abas muito largas. Buscavam refúgio, como se fosse cair uma tempestade.

O céu escureceu; os pássaros tapavam os raios do sol e se projetavam como uma grande sombra em movimento sobre

a grama recém-cortada. Um grupo de aves se sobressaía por suas formações em voo. A cabeça delas era de um vermelho-escuro, a cauda era grande e aforquilhada. O bico era pretos, assim como as patas.

— São andorinhas — disse o avô. No instante em que descansaram sobre as árvores, esvaziaram o intestino. E continuaram voando. F, assustado, se enfiou debaixo do guarda-chuva do avô, que já havia sido amarelo, mas agora estava cheio de manchas.

— Está vendo? É por isso que é melhor estar preparado — apontando para o guarda-chuva verde. — É melhor evitar uma mancha na camisa ou um impacto na cabeça. Ah, caminhe com cuidado, as ruas ficam escorregadias — advertiu.

O menino observava o povoado de boca aberta, incrédulo, fascinado, como se estivesse vendo um filme burlesco: as mulheres andavam com guarda-chuvas, os homens e as crianças também. Muitos, em vez dos guarda-chuvas, usavam chapéus, outros, ambas as coisas. Alguns também usavam uma capa impermeável e transparente, que deixava ver suas roupas coloridas. Num piscar de olhos, o povoado se encheu de aves. F viu pássaros nos cabos de energia, nos varais de roupas — onde já não se pendurava roupas — e nas cercas das casas. Pássaros nas janelas e nas varandas. Pássaros caminhando pelas ruas, sobre o lombo das vacas, nas bicicletas das crianças; pássaros bebendo água dos